



O Mistério de 13 de Outubro de 2025

A Assinatura de Deus na História de Israel

e nas Promessas da Humanidade

Este artigo baseia-se num vídeo do rabi messiânico Jonathan Cahn¹, conhecido pela sua profunda interpretação das escrituras bíblicas e conexões entre eventos contemporâneos e profecias antigas. Cahn é autor de diversos best-sellers e é reconhecido pela sua abordagem única que relaciona acontecimentos atuais com padrões espirituais revelados na Bíblia. Ao longo do artigo, serão destacados os principais pontos do vídeo de Jonathan Cahn, visando oferecer ao público de língua portuguesa uma compreensão clara e contextualizada dessas interpretações proféticas dada a sua relevância atual.

1. Um dia que mudou a história

Na segunda-feira, 13 de outubro de 2025, o povo de Israel despertou para um novo amanhecer. As sirenes silenciaram-se, o som das armas cessou e, pela primeira vez em dois longos anos, a palavra “paz” parecia mais do que um desejo — parecia uma realidade.

Nesse dia histórico, os reféns do Hamas em Gaza foram libertados, pondo fim a dois anos de cativeiro, sofrimento e incerteza. Vinte reféns regressaram vivos, vinte e oito foram trazidos de volta para repousar na terra sagrada de Israel. Um cessar-fogo foi declarado. A alegria e a esperança espalharam-se pelas ruas de Jerusalém e por todo o país.



¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EhFBNst6IKY> à data de 22/10/2025.

O momento foi marcado por um discurso memorável no Knesset, em que o então Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, proferiu palavras que ecoaram muito além da política:

“Isto não é apenas o fim de uma guerra — é o fim de uma era de terror e de morte, e o início de uma era de fé, esperança e de Deus. É o começo de uma grande concórdia e de uma harmonia duradoura para Israel e para todas as nações...”

...reunimo-nos num dia de profunda alegria, de esperança elevada, de fé renovada e, acima de tudo, num dia para darmos os nossos mais sinceros agradecimentos ao Deus Todo-Poderoso de Abraão, Isaac e Jacob.”

2. Dois anos de cativeiro: precisão e assinatura divinas

A libertação dos reféns coincidiu, de forma impressionante, com o calendário bíblico. O ataque do Hamas, a 7 de outubro de 2023, ocorreu durante o Oitavo Dia (Shemini Atzeret), uma das data mais alegres e significativas do calendário hebraico. Dois anos depois, 13 de outubro de 2025, a libertação deu-se exatamente durante o último dia de Sukkot — Hoshana Rabá, também chamado “O Grande Dia da Salvação”, a véspera do Oitavo dia deste ano.

« October 2023 »

Tishrei – Cheshvan 5784

Wed	Thu	Fri	Sat
4 Sukkot V (CH"V)	5 Sukkot VI (CH"V)	6 Sukkot VII (Hoshana Raba)	7 Shmini Atzeret

« October 2025 »

Tishrei – Cheshvan 5786

Sun	Mon	Tue	Wed
			1 Erev Yom Kippur
5	6 Erev Sukkot	7 Sukkot I	8 Sukkot II
12 Sukkot VI (CH"V)	13 Sukkot VII (Hoshana Raba)	14 Shmini Atzeret	15 Simchat Torah

Em termos do calendário judaico, passaram-se dois anos completos ao dia. Em termos absolutos, o cativeiro durou 2 anos e 7 dias (738 dias) — e o número 7, símbolo de perfeição, plenitude, conclusão, cumprimento e encerramento na Bíblia, tornou-se a marca incontornável deste acontecimento; o oito, que se seguiu, aponta para recomeço e nova realidade.

Na Escritura, o número sete representa a conclusão dos ciclos: Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo (Gênesis 2:2). O povo de Israel marchou sete vezes à volta das muralhas de Jericó (Josué 6:15-16) antes de elas ruírem, e Yeshua (Jesus) ensinou a perdoar “setenta vezes sete” (Mateus 18:22).

Tudo, portanto, seguiu o ritmo do relógio divino — um tempo que não é humano, mas sagrado. Como escreveu o salmista:

“Os teus tempos estão nas tuas mãos.” (Salmo 31:15 ARC²)

Nada acontece fora da soberania de Deus. O cativo começou num dia santo, e terminou num dia santo. O tempo da dor foi permitido, mas o tempo da redenção foi determinado desde o princípio.

Assim, quando a libertação ocorre ao fim de dois anos certos ao dia, e ainda acrescida de sete dias, tornou-se impossível ignorar o peso desse detalhe. O cativo começou e terminou exatamente em duas solenidades divinas cumprindo dois anos exactos, como se o tempo tivesse sido dobrado pela própria mão de Deus para cumprir o Seu desígnio. E, ao acrescentar-lhe o sete, o número da plenitude, da conclusão e da perfeição divina, o acontecimento recebeu uma marca inconfundível — a assinatura do Criador sobre a história. Era como se o Senhor dissesse, através desse padrão quase impossível de ser mero acaso: *“Isto é Meu.”* O sete, que na Escritura sela o cumprimento das promessas e encerra os ciclos, surge aqui como o selo divino que reivindica a autoria de um ato humanamente inexplicável, onde o acaso se desfaz diante da precisão sobrenatural do tempo de Deus.

E, de facto, o próprio desenrolar dos acontecimentos torna praticamente impossível que tal coincidência tenha resultado de planeamento humano.

Como observou Jonathan Cahn, nenhuma mente humana poderia ter coordenado com tamanha exatidão algo que envolveu tantas variáveis políticas, militares e diplomáticas. O cessar-fogo foi fruto de negociações longas e incertas, que se prolongaram por semanas, talvez meses, com avanços e recuos imprevisíveis. Mesmo quando a última proposta foi finalmente apresentada, ainda teve de ser analisada e aprovada por ambas as partes — um processo sujeito a tempos diferentes, decisões internas e imprevistos inevitáveis. E, uma vez aceite, não entrou imediatamente em vigor: houve horas, talvez dias de espera, até que os termos acordados fossem aplicados no terreno, e só então os reféns foram libertos.

Nada, portanto, permite pensar que alguém pudesse ter controlado com tal precisão a data exata da libertação, fazendo coincidir o fim do cativo na conclusão da festa da alegria (Tabernáculos), exatamente dois anos depois do dia em que tudo começara, acrescidos do número sete como selo divino de perfeição.

Tudo aponta para o contrário — que o tempo e o desenlace obedeceram a um calendário muito mais elevado do que o humano, o calendário de Deus, aquele que guia os destinos das nações e faz coincidir os dias com os propósitos eternos.

² Almeida Revista e Corrigida

3. O sentido profético de Sukkot e Hoshana Rabá

Para compreender a profundidade deste momento, é preciso regressar a Sukkot, a Festa dos Tabernáculos. É uma celebração de gratidão, alegria e confiança em Deus — recordando o tempo em que Israel habitou em tendas no deserto e Deus habitou no meio do Seu povo. Durante sete dias, os israelitas constroem pequenas cabanas (sukkot) e vivem nelas, recordando que Deus é o verdadeiro abrigo e que a presença divina é o maior tesouro.

Mas o último dia de Sukkot, conhecido como Hoshana Rabá, tem um significado especial. Em hebraico, “Hoshana” significa “Salva-nos, Senhor”, uma súplica retirada do Salmo 118:25:

“Oh! Salva-nos, YHWH, nós te pedimos; oh! YHWH, concede-nos prosperidade!”
(Salmo 118:25 ARA³)

Este dia é tradicionalmente visto como o dia do julgamento final — o momento em que Deus sela os decretos do ano e manifesta a Sua salvação. É também um dia em que, no Templo antigo, se tocavam as trombetas, faziam-se sete voltas ao redor do altar e se proclamava: “Hoshana! Hoshana!” — o mesmo clamor que, séculos mais tarde, ecoou em Jerusalém quando Yeshua entrou montado num jumento, e a multidão O saudou com ramos de palmeira.

Assim, o grito de Hoshana Rabá é um apelo à libertação — tanto física como espiritual. E foi precisamente nesse dia, o “Grande Hoshana”, que Deus respondeu às orações de Israel, pondo fim ao cativeiro e restaurando a alegria.

4. O fim e o novo começo: Shemini Atzeret

Ao pôr do sol de 13 de outubro de 2025, iniciou-se Shemini Atzeret, o “Oitavo Dia da Assembleia”. Este dia é muitas vezes chamado “a festa dentro da festa”, pois não tem rituais adicionais — é simplesmente um convite para permanecer mais um pouco na presença de Deus.

O Midrash explica-o poeticamente com as palavras de Deus ao Seu povo: “A vossa separação é difícil para Mim. Fiquem comigo mais um dia.”

Na simbologia bíblica, o número 8 representa um novo começo — o reinício após o ciclo completo do 7. Assim, Shemini Atzeret fala de renovação e recomeço, encerrando o tempo de colheita e inaugurando um novo tempo de ligação espiritual entre Deus e o seu povo. Não é por acaso que, em 2023, justamente nesse dia, se iniciou uma nova e dolorosa realidade para israelitas e palestinos, marcada pelo ataque do Hamas e pelo início de uma fase de confronto e incerteza. Dois anos depois, em 2025, a devolução dos cativos na véspera de Shemini Atzeret — em plena Sukot, festa em que a alegria é mandamento — trouxe consigo o sinal de outro ciclo: o início de uma nova etapa para

³ Almeida Revista e Atualizada

Israel e para os palestinianos, marcada não pela dor, mas pela alegria e pela possibilidade de reconciliação, paz e esperança renovada.

Este dia liga-se também a Simchat Torá, a “Alegria na Torá”, quando se conclui a leitura da Lei e se recomeça no Génesis, simbolizando que a Palavra de Deus nunca termina, mas renova-se eternamente.

5. O som da trombeta em Jerusalém

O livro de Números (10:10) ordena:

“no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades... tocareis as trombetas.” (ARC)

Neste contexto, Jonathan Cahn observou uma coincidência singular — no inglês bíblico antigo, a palavra “trombeta” traduz-se por trump. E foi exatamente nesse dia, Hoshana Rabá de 2025, que Trump soou em Jerusalém — literalmente e simbolicamente — proclamando diante do Knesset:

*“Reunimo-nos num dia de profunda alegria, de esperança elevada, de fé renovada e, acima de tudo, num dia para darmos **os nossos mais sinceros agradecimentos ao Deus Todo-Poderoso de Abraão, Isaac e Jacob.**”*

O “toque da trombeta” não foi, portanto, apenas um ato político. Foi, para muitos, um sinal profético: o som de honra a Deus ressoando em Jerusalém, o mesmo lugar onde, segundo a profecia, o Messias reinará e a trombeta final soar⁴.



⁴ 1 Coríntios 15:52

6. O Monte do Templo e a guerra invisível

Cahn relembra que o verdadeiro centro deste conflito nunca foi apenas geopolítico — foi e é espiritual. O Monte do Templo, coração da fé bíblica, é o epicentro da história divina. É ali que Deus manifestará o Seu Reino, mas também o local que o inimigo tenta profanar e dominar.

Curiosamente, o Hamas chamou à sua operação inicial de 2023 um nome relacionado com o Monte do Templo, sem compreender que estava a agir precisamente no campo da profecia – Dilúvio de Al Aqsa⁵. Naquele mesmo dia, segundo o calendário hebraico, lia-se nos textos sagrados a passagem referente à dedicação do Templo⁶, reforçando a ideia de que a guerra no natural refletia uma batalha no espiritual.

7. Do luto à alegria: o ciclo restaurado

O inimigo transformou a festa da alegria em dia de luto — mas Deus devolveu a alegria ao fim de dois anos certos, na Festa da Alegria. O ciclo de tristeza foi encerrado com júbilo, como prometido nas Escrituras:

“tornarei o seu pranto em alegria, e os consolarei, e transformarei em regozijo a sua tristeza.” (Jeremias 31:13 ARA)

O povo que chorou pelas vítimas e pelos reféns, agora canta de novo. O que foi profanado, Deus restaurou. O mesmo palco, o mesmo calendário, o mesmo dia — mas agora com o selo da redenção.

8. O reflexo na vida pessoal: libertação e propósito

Jonathan Cahn conclui a sua mensagem lembrando que a história de Israel é também um espelho da história de cada alma. Cada pessoa, à sua maneira, conhece o cativeiro — seja medo, dor, culpa ou perda. Mas o mesmo Deus que libertou Israel deseja libertar também cada coração.

“Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz YHWH; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais.” (Jeremias 29:11 ARC)

O inimigo tenta roubar a alegria, o propósito e a paz. Mas Deus — o mesmo que transformou o dia de luto de Israel em dia de libertação — promete restaurar o que foi perdido. O número sete volta a aparecer como símbolo de cura e completude: a restauração total daquilo que o tempo e a dor tentaram destruir.

⁵ O nome significa literalmente **“a mais distante”** ou **“a mesquita mais distante”** e refere-se à mesquita com o mesmo nome situada no Monte do Templo em Jerusalém.

⁶ 2 Crónicas 7:8

9. Conclusão: Deus tem a última palavra

O 13 de outubro de 2025 ficará para sempre gravado como o dia em que Deus encerrou um ciclo de dor e abriu um tempo de restauração. Nada foi por acaso. O início e o fim coincidiram nos dias santos que Ele próprio determinou, e o número sete — a Sua assinatura de perfeição — esteve presente do princípio ao fim.

No Knesset, as palavras de Trump resumiram o espírito daquele dia:

“É o início de uma era de fé, esperança e de Deus.”

Foi mais do que o cessar de um conflito — foi o testemunho visível de que a mão de Deus guia a história. A guerra, o cativeiro, a libertação, tudo se encaixou como peças de um plano que atravessa os séculos e culmina em redenção.

E, para cada um de nós, fica a promessa eterna:

“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” (João 8:36 ARA)

Assim como Israel voltou a respirar, também nós somos convidados a sair do cativeiro do medo, da dúvida e da dor — e a entrar no novo começo que Deus preparou. Porque, no fim de todas as eras, a última palavra pertence sempre a Ele.

E, no entanto, apesar de tudo o que aqui se revela, a verdade é que a paz alcançada é frágil. Os acordos políticos podem ser rasgados, as tréguas quebradas, e as feridas ainda abertas podem reabrir-se com um sopro.

Mas o que não podemos deixar de ver — mesmo no meio da instabilidade — é a mão do Deus Todo-Poderoso a mover-se sobre a história, a escrever linhas de redenção nas páginas da dor humana.

Talvez a paz não dure, talvez a guerra volte; mas o que aconteceu neste dia — com precisão impossível e propósito divino — ficará para sempre como testemunho de que Deus ainda reina sobre o tempo, sobre as nações e sobre o coração dos homens.